

As novas tecnologias educacionais como instrumentos constituintes da cultura escolar

New educational technologies as instruments that form the school culture

*Las nuevas tecnologías aplicadas a la educación como instrumentos
constituyentes de la cultura escolar*

Elaine Cátia Falcade Maschio¹

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Centro Universitário Internacional – UNINTER, elaine.m@grupouninter.com.br.

Onilza Borges Martins²

² Pós-Doutora em Educação pela Universidade Autônoma de Barcelona. Coordenadora do Mestrado em Educação – UNINTER, onilza.m@grupouninter.com.br.

RESUMO

O presente trabalho pretende problematizar a inserção e uso das novas tecnologias educacionais na escola, como possibilidade de superar as práticas escolares “tradicionais”, de modo a produzir uma nova cultura escolar. Para lidar com as transformações sociais e tecnológicas, a escola busca alternativas em direção à produção de uma nova práxis educativa. A inserção das novas tecnologias no processo de escolarização impõe aos profissionais da educação redimensionar a prática pedagógica, considerando os novos modos de aprender. A escola, por sua vez, possui uma estrutura invariante. Essa organização é sustentada basicamente pela presença insubstituível do professor, do aluno, do material, do método, do currículo, do tempo e do espaço. A introdução das tecnologias digitais no espaço escolar é capaz de reordenar o cotidiano das práticas pedagógicas, produzindo assim novas culturas escolares. Todavia, a produção de uma mudança nas práticas pedagógicas da escola compõe-se da introdução dos recursos tecnológicos, mas também de vários outros fatores. É necessário perceber como as diferentes tecnologias foram inseridas e apropriadas, incrementando e modificando os processos de ensino-aprendizagem, produzindo assim novas formas de ensinar e aprender.

Palavras-chave: Novas tecnologias. Cultura escolar. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

The present work intends to discuss the introduction and application of new educational technologies at school as a possibility to outperform the "traditional" school practice, in such a way to create a new school culture. In order to deal with the social and technological transformations, the school seeks alternatives towards the creation of a new educational praxis. The introduction of new technologies in the learning process demands that the education professionals reevaluate their teaching practice, taking into consideration the new modes of learning. School, on the other hand, has a stable structure. This organization is maintained basically by the irreplaceable presence of the teacher, the student, the material, the method, the curriculum, the time and the space. The introduction of digital technologies in the school setting is capable of rearranging the daily routine of the teaching practices, thus creating new school cultures. However, the generation of a change in the teaching practices at school requires the introduction of technological resources, but also of several other factors. It is necessary to understand how the different technologies were introduced and taken hold of, improving and modifying the teaching-learning processes, therefore producing new ways of teaching and learning.

Keywords: New technologies. School culture. Pedagogical practices.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo problematizar la inserción y el uso de las nuevas tecnologías de la educación en la escuela, como una posibilidad para superar las prácticas escolares "tradicionales", con el fin de producir una nueva cultura escolar. Para hacer frente a los cambios tecnológicos y sociales, la escuela busca alternativas hacia la producción de una nueva praxis educativa. La inserción de las nuevas tecnologías en el proceso de escolarización impone a los profesionales de la educación redimensionar la práctica pedagógica, considerando los nuevos modos de aprendizaje. La escuela, a su vez, tiene una estructura invariante. Esta organización se sustenta principalmente por la presencia insustituible del profesor, del alumno, del material, del método, del currículo, del tiempo y del espacio. La introducción de las tecnologías digitales en el espacio escolar es capaz de reordenar el cotidiano de las prácticas pedagógicas, lo que produce nuevas culturas escolares. Sin embargo, la producción de un cambio en las prácticas pedagógicas de la escuela consiste en la introducción de los recursos tecnológicos, sino también de varios otros factores. Es necesario para comprender cómo las diferentes tecnologías fueron insertadas y adecuadas, mejorando y modificando los procesos de enseñanza-aprendizaje, con lo que se producen nuevas formas de enseñanza y aprendizaje.

Palabras-clave: Nuevas Tecnologías. Cultura Escolar. Prácticas.

INTRODUÇÃO

O crescente uso das novas tecnologias de informação e comunicação tem promovido expressivas transformações nas relações sociais contemporâneas. Cumpre observar que o fácil acesso as múltiplas informações mediante as redes virtuais permite uma significativa mudança no processo de aquisição e construção do conhecimento.

As alterações ocorridas nos modos de acessar e adquirir o conhecimento tem reverberado na escola, que por sua vez, procura lidar com os desafios postos pela

sociedade atual reordenando a práxis educativa e produzindo novas culturas escolares. Nesta direção, a inserção e a apropriação das novas tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino aprendizagem escolar, tem sido um fenômeno emergente, e também por que não dizer, necessário.

A escola, que ora operou a transição de uma cultura oral para uma cultura escrita, auxiliando no processo de institucionalização desta última na sociedade por meio da expansão da alfabetização, conforme apontou Vidal (2005), vê-se agora responsável pela organização e articulação do pensamento social à luz da lógica digital.

O presente texto, de caráter bibliográfico, problematiza a inserção e o uso das novas tecnologias educacionais na escola como possibilidade de suplantar as práticas escolares “tradicionais”. Com isso, considera-se que a utilização das novas tecnologias educacionais na sala de aula aponta para a produção de uma nova cultura escolar.

O estudo procura apresentar uma discussão dos termos novas tecnologias educacionais e cultura escolar à luz de autores como Kenski (2007, 2012, 2013) e Mill (2010, 2013), os quais têm se debruçado em estudos sobre o avanço das novas tecnologias educacionais na escola; e autores como Forquin (1997), Benito (2010), Viñao Frago (2002), os quais têm oferecido significativas contribuições para a compreensão das rupturas e permanências do processo de escolarização e na configuração da cultura da escola.

As novas tecnologias e a cultura escolar: uma discussão de aproximação

Ao iniciar a reflexão sobre a implicação dos movimentos contemporâneos na alteração de comportamentos e na configuração de novos discursos e práticas sociais e educacionais, cabe aqui discutir alguns aspectos sobre a incorporação do que é o “novo”. Cumpre notar que, se por um lado, o “novo” provoca a sensação de incapacidade, atemoriza pela falta de previsibilidade e desperta a resistência, por outro, ele vislumbrar o

desenvolvimento das potencialidades que renovam e transformam as mentalidades e as práticas sociais.

A difusão das novas tecnologias digitais tem demonstrado que esse emaranhado de sensações emerge também no trabalho cotidiano das escolas. Para Kenski (2013):

A valorização do que é novo, mais potente ou, simplesmente, diferente, já faz parte das concepções culturais e sociais presentes na atualidade. Queremos algo que potencialize nossa capacidade de interação, comunicação, acesso e armazenamento das informações. Na atualidade construímos nossas relações em meio aos mais variados artefatos tecnológicos. A cultura contemporânea está ligada à ideia da interatividade, da interconexão e da inter-relação entre as pessoas, e entre essas e os mais diversos espaços virtuais de produção e disponibilização das informações. (KENSKI, 2013, p. 62)

Neste sentido, o fazer pedagógico da escola contemporânea se encontra também imerso no contexto cibercultural que envolve toda a sociedade. Essa constatação evidencia que a cultura digital, ao adentrar na escola, tem possibilitado, ainda que de forma lenta, a alteração das práticas pedagógicas.

Contudo, é possível afirmar que as novas tecnologias educacionais tem se configurado como instrumentos de mudanças dos modos de ensinar e aprender? É incontestável que os professores se vêm desafiados diante delas. Além de lidar com o novo, na tentativa de superar as dificuldades quanto à interação e manuseio dos recursos tecnológicos, os sujeitos escolares se sentem provocados a avançar sobre as potencialidades metodológicas da tecnologia. Disso, decorrem as formas criativas como os sujeitos escolares empreendem e redimensionam o processo de ensino aprendizagem.

Em meio a ações caracterizadas por tentativas frustradas ou bem sucedidas, por embates relutantes, por táticas e estratégias, novas aprendizagens são desencadeadas dentro da estrutura escolar invariante. Pois, as mudanças vivenciadas pelas escolas em função da inserção das novas tecnologias educacionais não modificam a estrutura da escola.

Entende-se que a escola possui uma estrutura, não apenas física ou administrativa, mas uma estrutura pedagógica que é invariante. Essa disposição é

regulada por normas, discursos, rituais, práticas que, imbricadas aos sujeitos pelo fazer cotidiano, produzem um modelo específico de socialização do homem. A escola possui uma estrutura sustentada basicamente pela presença insubstituível do professor, do aluno, do material, do método, do currículo, do tempo e do espaço institucional.

Neste sentido, recorrendo mais uma vez às reflexões de Kenski (2007), concorda-se que:

Por mais que as escolas usem computadores e internet em suas aulas, estas continuam sendo seriadas, finitas no tempo, definidas no espaço restrito das salas de aula, ligadas a uma única disciplina e graduadas em níveis hierárquicos e lineares de aprofundamento dos conhecimentos em áreas específicas do saber. (KENSKI, 2007, p. 45)

Por outro lado, a escola não é apenas um lugar de transmissão de conhecimentos, mas um lugar de produção de cultura, ou culturas no plural. Como aponta Viñao Frago (2006), as instituições e os sistemas escolares sofrem mudanças que se caracterizam a partir de diferentes tipos de relações, externas ou internas.

Assim, além de colaborar com a transmissão da cultura, como apelo das sociedades, a escola produz cultura. A “cultura é o terreno em que se enfrentam diferentes e conflitantes concepções de vida social, é aquilo pelo qual se luta e não aquilo que recebemos” (MOREIRA; TADEU, 2011, p. 35). A escola constitui-se em um espaço onde se tornam evidentes as relações de poder, os conflitos, as tensões, as interações, as aprendizagens, as trocas, a produção e a inculcação de valores. Um lugar onde as relações socioculturais experimentadas pelos sujeitos que a constituem legitimam a produção de uma cultura escolar.

Para explicar esse fenômeno, vários teóricos tem se debruçado sobre o polissêmico termo cultura escolar.¹ Forquin (1993, p. 167) define-o como um conjunto de

¹ Nos últimos anos, os autores têm se dedicado a revisão bibliográfica no âmbito das produções acadêmicas e a conceituação do termo cultura escolar. Sobre esse assunto, ver os artigos: KNOBLAUCH, Adriane; RATTO, Ana Lúcia Silva; OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves de; FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. Levantamento de pesquisas sobre cultura escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 557-574, jul./set. 2012. POL, Milan; HLOUŠKOVÁ, Lenka; NOVOTNÝ, Petr; ZOUNEK, Jiří. Em busca do conceito de cultura Revista Intersaberes | v8. Edição Especial | nov. 2013 | p. 38-49 | ISSN 1809-7286

saberes determinados por fatores, sociais, políticos e ideológicos. O autor afirma que “a escola é também um ‘mundo social’, que tem suas características de vida própria, seus ritmos e ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos”.

Refletindo, na perspectiva do autor, é lícito considerar que no espaço escolar desenvolvem-se discursos, burlas, práticas criativas e flexíveis, diferentes e imprevisíveis modos de ensinar e aprender, que extrapolam os dispositivos legais e se configuram como elementos próprios de uma cultura institucional.

As palavras de Antônio Cândido permitem refletir sobre essas particularidades do processo escolar. Para este autor:

[...] ao lado das relações oficialmente previstas (que o legislador toma em consideração para estabelecer as normas administrativas), há outras que escapam à sua previsão, pois nascem da própria dinâmica do grupo social escolar. Deste modo, se há uma organização administrativa igual para todas as escolas de determinado tipo, pode se dizer que cada uma delas é diferente da outra, por apresentar características devidas à sua sociabilidade própria. (CÂNDIDO, 1973, p. 107)

Dessa forma, entende-se que a sociedade exerce influência no cotidiano da escola. Ao mesmo tempo, a escola é concebida como produtora de uma cultura própria traduzida nas práticas educativas.

De acordo com Benito (2010):

A escola foi e é um lugar de produção de cultura e essa cultura se objetiva nas práticas em que são operados os processos formativos. As ações se materializam nos espaços, objetos, ícones e textos que formam parte do patrimônio histórico-educacional. (BENITO, 2010, p. 12)²

escolar: uma contribuição para as discussões actuais. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 10, p. 63-79, 2007.

² La escuela há sido y es um lugar de producción de cultura y esta cultura se objetiva em las prácticas em que se operativizan los procesos formativos. Las acciones se materializan em los espacios, objetos, iconos y textos que forman parte del patrimônio histórico-educativo.

Revista Intersaberes | v8. Edição Especial | nov. 2013 | p. 38-49 | ISSN 1809-7286

Assim, ao longo de sua existência, a escola tem passado por inúmeras reformas, porém, poucas conseguiram substituir a estrutura pedagógica existente. De outro modo, no afã de garantir a eficiência do processo de ensino-aprendizagem, as reformas conseguiram provocar interferências nas práticas pedagógicas redimensionando o cotidiano e produzindo novas culturas escolares.

Atualmente, a escola tem se submetido às propostas inovadoras das novas tecnologias educacionais, que por seu turno, têm aperfeiçoado a busca em tornar o ensino mais motivador e interativo. De acordo com Martins (2012, p. 68), “surgem novas referências culturais que exigem a necessidade do domínio de códigos diferentes para as leituras e interações com a realidade”.

Ao permitir que a escola se aproxime dos avanços digitais sofridos e compreendidos pelas sociedades, principalmente no que tange ao acesso e a utilização dos múltiplos recursos tecnológicos, a escola tende a produzir práticas condizentes a essa realidade.

Porém, a produção de uma mudança nas práticas pedagógicas da escola não é garantida somente pela introdução dos recursos tecnológicos no ambiente escolar e na utilização técnica de determinadas ferramentas. É necessário perceber como as diferentes tecnologias foram formalmente inseridas e sofreram apropriações no contexto escolar, a fim de incrementar os processos de ensino-aprendizagem produzindo novas formas de ensinar e aprender.

A tênue mudança das práticas pedagógicas “tradicionais” mediante a incorporação das novas tecnologias educacionais na escola pode ser observada nas palavras de Mill (2013, p. 13):

A cultura ciberespacial e o discurso tecnológico levaram a noção de educação a um patamar de uso intensivo de dispositivos e artefatos, além de mudanças nos processos pedagógicos. Na euforia pela busca de fórmulas mágicas para “salvar” o aluno e o processo de ensino-aprendizagem, diversos movimentos são percebidos entre educadores, gestores educacionais e governos. Talvez pela precipitação das ações. Algumas propostas educacionais não atenderam adequadamente (algumas por excesso e outras por escassez de tecnologias digitais) à atual função da educação.

Com base na contribuição do autor, considera-se que a “euforia” por suprir a escola com instrumentos tecnológicos visando a melhoria da qualidade do processo de ensino aprendizagem, desencadeou um aumento dos discursos e das políticas que visam prover a escolas com os mais modernos equipamentos digitais. Todavia, observa-se que muitas iniciativas falharam, porque eram propostas sem o aporte teórico, técnico e pedagógico necessários.

Em muitas escolas a inserção das novas tecnologias educacionais não tem sido acompanhada por cursos de capacitação adequados, ou ainda, de suportes de utilização e manutenção dos recursos tecnológicos, os quais tornam-se imprescindíveis no processo de mediação pedagógica.

Nesta direção, podemos inferir que a escola, mais especificamente, a comunidade escolar, tem se apropriado das novas tecnologias educacionais como instrumento complementar as práticas pedagógicas tradicionais. Em muitas escolas, a potencialidade dos recursos tecnológicos digitais não é explorada na sua totalidade, ou ainda, não se configuram como uma inovação pedagógica amplamente utilizada no sucesso do processo de ensino aprendizagem.

Nesta direção, é plausível afirmar que os desafios atuais impõem aos sujeitos escolares novas formas de lidar com o processo de ensino aprendizagem na escola, seja positiva ou negativamente. O desencadear dessas novas maneiras de ensinar e aprender, impulsionadas pelas inúmeras transformações da sociedade da informação, permitirão que uma nova cultura escolar se constitua e se consolide, nos diversos níveis do sistema de ensino brasileiro.

Assim, é necessário compreender os limites e potencialidades das novas tecnologias educacionais para consolidar a função social da escola. Entre as capacidades que o avanço tecnológico proporciona aos sujeitos escolares, Mota (1996) aponta:

A importância que a televisão, o vídeo, a informática e suas diversas combinações têm para a educação é que elas promovem uma nova configuração do saber o que implica em: poder/saber acessar a informação; selecionar a informação; poder/saber usar/reciclar a informação. (MOTA, 1996, p. 74)

Cabe ressaltar que a inserção das novas tecnologias não revoga a função social da escola em transmitir os conhecimentos acumulados pela sociedade, mas possibilita transformar os modos como esses saberes podem e devem ser ensinados e apreendidos, ou seja, resignifica os processos do aprender. Do mesmo modo, as novas tecnologias da educação alteram a dinâmica escolar no que se refere ao espaço e ao tempo de aprender. Para Scheer (1999) as novas tecnologias desempenham um papel determinante na educação de jovens ou adultos trabalhadores, os quais não dispõem de tempo integral para a frequência à escola regular.

Cumprir lembrar que a escola, constituindo-se como uma instituição única, tende a se adaptar aos avanços da sociedade sem que sua estrutura original se altere. Nesse sentido, as novas tecnologias da informação e da comunicação recontextualizadas ao ensino escolar, contribuem para a qualidade dos processos de escolarização na perspectiva da transformação da práxis educativa na medida em que elas se constituam em instrumentos pedagógicos.

Ressalta-se que os diversos sujeitos que atuam no espaço escolar precisam incorporar em suas práticas cotidianas as normas, aos discursos, os procedimentos que são próprios da escola, mas também os diversos elementos que constituem a cultura da sociedade. Por isso, torna-se fundamental pensar as relações existentes na escola e o seu diálogo com as tecnologias educacionais em uma perspectiva que avance para além da simples implementação técnica da tecnologia.

A apropriação da cultura digital pela escola mobilizou muitos profissionais e pesquisadores da educação a refletirem sobre a práxis educativa no contexto da cibercultura. O termo cibercultura é aqui entendido como um conjunto de elementos associados às formas de comunicação mediadas pelos espaços virtuais, ou seja, pelos ciberespaços. De acordo com Lévy (1999), a cibercultura se desenvolve junto ao crescimento dos ciberespaços que se constituem como:

[...] o espaço da comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (já incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem

informações provenientes de fontes digitais ou destinadas a digitalização. (LÉVY, 1999, p. 94)

Ao emergir das conexões ocorridas nos ciberespaços, a cibercultura institui novas práticas de comunicação e, redimensiona os modos pelos quais os sujeitos cognoscentes se apropriam do conhecimento produzido pela sociedade. A cibercultura, como um fenômeno contemporâneo, é a cultura derivada da mediação e das apropriações das tecnologias digitais que engendram novas dialéticas comunicacionais, mas também, culturais e educacionais.

A cibercultura sobrevém dos ciberespaços, mas não permanece neles, ela está diluída no fazer e no pensar cotidiano. Assim, entre as exigências que a sociedade cibercultural impõe a escolarização, está aquela que diz respeito à função principal da escola, qual seja, a transmissão de conhecimentos historicamente acumulados.

Não há como negar o fato de que a escola deve possibilitar aos indivíduos a interação com as novas tecnologias. Essa forma interativa de acessar o conhecimento permite ao aluno assumir o papel de sujeito. Destarte, os desafios postos pela relação entre os sujeitos escolares e as novas tecnologias da informação e comunicação tem evidenciado uma postura educativa que extrapola a concepção sobre o uso exclusivo das ferramentas digitais como recursos de ensino.

Constitui-se como um desafio contemporâneo de grande monta para a área educacional, pensar as práticas escolares a lume da diversidade dos aspectos culturais, tecnológicos e econômicos que vêm alterando a configuração da sociedade atual.

Considerações finais

À guisa de considerações finais, retornamos às contribuições de Kenski (2013, p. 68):

A cultura tecnológica exige a mudança radical de comportamentos e prática pedagógica que não são contemplados apenas com a incorporação das mídias

As novas tecnologias educacionais como instrumentos constituintes da cultura escolar

ao ensino. Pelo contrário, há um grande abismo entre o ensino mediado pelas TICs – praticado em muitas das escolas, universidades e faculdades – e os processos dinâmicos que podem acontecer nas relações entre os professores e alunos on-line.

É evidente que as transformações sociais desafiam as instituições escolares à mudança do comportamento e das práticas pedagógicas, embora haja ainda um abismo entre os avanços tecnológicos e a prática pedagógica das escolas.

Portanto, é inconteste que, como instituição privilegiada de socialização e de transmissão da cultura, a escola não pode permanecer à margem das mudanças sociais, mesmo que essa esteja experimentando lentamente tais transformações.

Ao perceber como as diferentes tecnologias foram formalmente inseridas e sofreram apropriações no contexto escolar, vislumbra-se a constituição de uma nova cultura escolar.

Lançar um olhar sobre a escola no seu fazer cotidiano é contemplar os diferentes elementos culturais da socialização escolar, que no contexto atual, tem seus processos de ensino-aprendizagem incrementados com as novas mídias digitais, produzindo novas formas de ensinar já que novos são os modos de aprender.

Muitas são as possibilidades de compreender a cultura da escola pelo viés atual das novas tecnologias. Cabe-nos identificar as políticas de inserção das tecnologias educacionais do sistema de ensino; reconhecer as propostas metodológicas das novas tecnologias educacionais como estratégias pedagógicas inovadoras; questionar sobre os processos de formação inicial e continuada dos professores para o uso das tecnologias na escola; compreender como professores e alunos utilizam as tecnologias educacionais, suas potencialidades e dificuldades.

Referências

BENITO, Agustín Escolano. La cultura material de la escuela y la educación patrimonial. **Revista Educatio Siglo XXI**, Murcia, v. 28, n. 2, jul./dez. 2010. p. 43-64.

CANDIDO, Antônio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice. **Educação e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973. p. 107-127.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1993.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007.

_____. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2012.

_____. **Tecnologias e tempo docente**. Campinas: Papirus, 2013.

MARTINS, Onilza Borges. Os desafios dos sistemas de gestão em EAD. In: PRETI, Oreste. **Educação a distância**: sobre discursos e práticas. Brasília: Liber Livro, 2012.

MILL, Daniel. **Docência virtual**: uma visão crítica. São Paulo: Campinas, 2012.

_____. **Escritos sobre educação**: desafios e possibilidades para ensinar e aprender com as tecnologias emergentes. São Paulo: Paulus, 2013.

MOTA, Regina. Tecnologia e informação. In: DAYRELL, Juarez T. **Educação e cultura**: múltiplos olhares. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 73-77.

SCHEER, Sérgio. Multimeios em EaD. In: MARTINS, Onilza Borges. **Educação a distância**: um debate multidisciplinar. Curitiba: UFPR, 1999. p. 159 - 175.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares**. Estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas, Autores Associados, 2005.

VIÑAO FRAGO, Antônio. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas**: continuidades y cambios. Madri: Morata, 2006. p. 102-105.